

## PRÁTICAS DEVOCIONAIS

### CAPÍTULO 17 – PRÁTICA DO EXERCÍCIO DA VONTADE – 2ª PARTE

Na primeira parte do nosso estudo sobre a prática do exercício da vontade, refletimos sobre a importância das nossas escolhas. Vimos que nossas vontades são, muitas vezes, contraditórias e, sobre isso, tratamos acerca das duas vontades que nos influenciam: a vontade de acertar (e seus obstáculos) e a vontade de errar (e seus obstáculos). Nessa segunda parte do estudo, começaremos tratando a respeito da influência da vontade alheia sobre as nossas escolhas.

Cada um de nós, desde a infância, estando conscientes ou não, estamos sujeitos à vontade alheia e recebemos dela um constante e forte bombardeio. A vontade alheia faz uso desde a propaganda subliminar até a propaganda ostensiva para influenciar as pessoas. Vemos essa influência na literatura, nas artes, nos discursos, nas aulas, nas manifestações de mentira, de engano, de chantagem e de manipulação. Todavia, a decisão final está no exercício da vontade própria.

A vontade própria é algo muito importante na constituição humana. No Éden, Deus não pôs uma grade em torno da árvore da ciência do bem e do mal, e nem a serpente colocou de forma forçada o fruto proibido na boca da mulher. Foi a mulher quem tomou o fruto e o comeu (Gn.3.6). A vontade própria é uma forte barreira, ora para as forças do mal, ora para as forças do bem.

As escolhas que fazemos todos os dias são muito importantes, mas nem sempre temos consciência disso. De um lado, há a vontade de provar o fruto proibido, a vontade de deitar com a mulher de Urias, a vontade de ser amada pelo marido de outra mulher, a vontade de furtar uma barra de ouro, a vontade de não levar desaforo para casa, a vontade de não repartir coisa alguma, a vontade de acumular tesouros nesse mundo, a vontade de fofocar e a vontade de matar um inimigo. De outro lado, há a vontade de pagar o mal com o bem, a vontade de ser sal da terra e luz do mundo, a vontade de ser limpo de coração, a vontade de crucificar o eu, a vontade de matar a carne de fome, a vontade de seguir a Jesus até a prisão ou até à morte, a vontade de evangelizar, a vontade de distribuir todos os bens com os pobres. É importante lembrar que no meio

dessas duas vontades fortes e opostas estão as nossas escolhas. Nesse ponto, é importante perguntar: O que temos escolhido? Quais têm sido as nossas escolhas? Por que temos uma vontade agora e outra logo depois? Como você lida com o problema das escolhas contraditórias?

O que devemos fazer, então? A única maneira de não satisfazer a vontade alheia caída, a concupiscência da carne, o curso deste mundo que jaz no maligno e as insinuações do diabo é fazer uma sintonia da vontade própria com *“a boa, agradável e perfeita vontade de Deus”* (Rm.12.2). O resultado dessa sintonia será sempre *“o fruto do Espírito”*, e não *“as obras da carne”*. O fruto do Espírito é *“amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio”* (Gl.5.22-23).

O homem é um ser volitivo, ou seja, é um ser que sempre fez, faz e continuará fazendo escolhas. A questão que se debate é: em que condições o homem caído – que está espiritualmente morto – faz suas escolhas. Nessa condição, embora seja responsável por seus atos, o homem depende totalmente de Deus para poder começar a usar a sua vontade de modo a fazer boas escolhas (Jo.15.16). Mesmo depois da redenção em Cristo, embora já possamos escolher segundo a vontade de Deus, nós continuamos dependentes de Dele. Para fazer escolhas que agradam a Deus, nossa vontade deve estar cativa a Ele. Longe de Cristo, somos escravos de nós mesmos e dos nossos pecados. Somente cativos à Cristo é que nossa vontade é verdadeiramente livre para fazer escolhas que honram a Deus e que nos fazem experimentar real alegria.

Algumas frases: *“Fizeste-nos para ti, e nosso coração está inquieto enquanto não descansar em Ti”* (Agostinho). *“Quem me dera um batismo de fogo que consumisse minhas escórias, quem me dera um coração totalmente de Cristo”* (A.G. Simonton). *“...sem mim, nada podeis fazer”* (Jo.15.5.c).

Que Deus seja conosco, moldando nossos corações e cativando nossa vontade Nele para que nossas escolhas o glorifiquem e sejamos verdadeiramente alegres Nele. Em Cristo. Amém.